


Slam: uma análise do discurso por meio das formações ideológicas e discursivas /

Slam: an analysis of discourse through ideological and discursive formations

*Andreza Shirlene Figueiredo de Souza**

Especialista em Língua Portuguesa pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) em (2009). Mestre em Linguística e Ensino pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e Doutoranda (Bolsista FACEPE) em Ciências da Linguagem pela Universidade Católica de Pernambuco. É professora de Língua Portuguesa no Ensino Médio e técnico-pedagógica de Língua Portuguesa, ambos pela Secretaria de Educação de Pernambuco.

 <http://orcid.org/0000-0002-7970-9068>

*Nadia Pereira da Silva Gonçalves de Azevedo***

Doutora em Letras e Linguística (UFPB, 2006), especialista em Linguagem pelo Conselho Federal de Fonoaudiologia. Professora adjunto IV da Universidade Católica de Pernambuco, professora e pesquisadora no Programa de Pós-graduação stricto sensu em Ciências da Linguagem. Líder do grupo de pesquisa do CNPq, *Discurso, sujeito e sociedade*. Membro do Grupo de Pesquisa Linguagem, Distúrbio e Multidisciplinaridade. É consultora da CAPES a partir de 2017. Compõe a Comissão de Análise Qualitativa da CAPES em 2022. É presidente e membro do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP UNICAP) desde 2014.

 <http://orcid.org/0000-0001-6425-2846>

*Fernanda Viana de Castro Albuquerque****

Doutoranda em Ciências da Linguagem pela Universidade Católica de Pernambuco -UNICAP; Mestra em Letras pela Universidade de Pernambuco-UPE, com apoio financeiro da Capes; Professora de Língua Portuguesa no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí (IFPI)-campus Paulistana desde agosto de 2012. Atualmente, propõe-se a pesquisar sobre aquisição, desenvolvimento e distúrbios da linguagem em suas diversas manifestações. É membro do Grupo de Estudos em Linguagens, Cultura e Educação (GELCE) do IFPI campus Paulistana.

 <http://orcid.org/0000-0002-5954-9327>

Recebido em: 30 jun. 2022. **Aprovado** em: 07 ago. 2022.

*

 andrezashirlene@gmail.com

**

 nadia.azevedo@unicap.br

 prof.nanda@ifpi.edu.br

Como citar este artigo:

SOUZA, Andreza Shirlene; AZEVEDO, Nadia Pereira; ALBUQUERQUE, Fernanda Viana de Castro. Slam: uma análise do discurso por meio das formações ideológicas e discursivas. *Revista Letras Raras*. Campina Grande, v. 11, n. 3, p. 60-76, out. 2022. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.8152501>

RESUMO

Este estudo objetiva mobilizar uma análise discursiva acerca do slam “A menina que nasceu sem cor”, com o intuito de trazer à tona ressonâncias de petrificação preconceituosas acerca da negritude, mas, sobretudo, de mostrar o importante papel de resistência discursiva a esses sentidos perenizados, por meio das contribuições teórico-metodológicas da Análise do Discurso de linha francesa (doravante AD), apoiadas nos escritos de seu precursor Pêcheux e no Brasil por Orlandi. O corpus desta análise se pauta no slam “A menina que nasceu sem cor” da slammer Midria Silva, que pode ser visualizado no *YouTube* (<https://youtu.be/o6zEzP7pudQ>), ou no seu livro de mesmo título da materialidade em estudo; declamado em um acontecimento discursivo do Poetry Slam no qual os poetas ou melhor, slammers, competem entre si em uma batalha com temáticas de cunho social que geralmente denunciam algo que os inquietam, tendo como recursos apenas a voz e o corpo. Logo, para a análise, o conceito de formação discursiva e, conseqüentemente ideológica, é imprescindível para compreensão do funcionamento discursivo do gênero e por meio de gestos de interpretação entender porque é um discurso que não só reproduz, mas resiste e transforma conceitos perenizados, uma vez que “grita” para um ressignificar de sentidos cristalizados pela ideologia dominante, ou seja, nasce da luta de classes, sendo constitutivo a todo discurso – a resistência.

PALAVRAS-CHAVE: Análise do discurso francesa; Slam; Formação discursiva e ideológica.

ABSTRACT

This study aims to mobilize a discursive analysis about the slam "The girl who was born without color", in order to bring to light prejudiced petrification resonances about blackness, but, above all, to show the important role of discursive resistance to these enduring senses, through the theoretical-methodological contributions of the French Line Discourse Analysis (hereinafter AD), supported by the writings of his forerunner Pêcheux and in Brazil by Orlandi. The corpus of this analysis is based on the slam "The girl who was born without color" of slammer Midria Silva, which can be viewed on YouTube (<https://youtu.be/o6zEzP7pudQ>), or in her book of the same title of the slam addressed; declaimed in a discursive event of poetry slam in which poets or rather slammers compete with each other in a battle with social themes that usually denounce something that concerns them, having as resources only the voice and the body. Therefore, for the analysis, the concept of discursive and, consequently, ideological formation is essential to understand the discursive functioning of the genre and through gestures of interpretation to understand why it is a discursive that not only reproduces, but resists and transforms perpetuized concepts, since it "screams" for a resignifying of senses crystallized by the dominant ideology, that is, it is born from the class struggle, constitutive to every discourse – resistance.

KEYWORDS: Analysis of the french discourse; Slam; Discursive and ideological formation.

1 Introdução

O slam é um acontecimento discursivo (uma vez que há uma bifurcação entre uma memória e um novo evento) da poesia oral que cresce no mundo contemporâneo como novo fenômeno, já que há uma necessidade pelo contexto sócio-histórico de um discurso que “grite”, denunciando e resistindo a conflitos sociais que perduram e ecoam há séculos e, assim, refuta sentidos petrificados pela ideologia de opressão e exclusão social.

As condições de produção do Brasil de hoje fazem emergir discursos de resistência em todas as áreas do saber. Nesse sentido, há uma reconfiguração de reflexos e ecos de outros discursos, cristalizados por muito tempo. No campo das artes e da literatura, por exemplo, surge o gênero que reflete muito bem isso, o slam. É necessário salientar que todo e qualquer gênero discursivo surge de uma demanda social, já que invoca uma determinada conjuntura especificamente dada, ou como aponta Bakhtin ([1979] 2011, p. 262) “cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, os quais denominamos *gêneros do discurso*”.

É importante destacar que os fundamentos teórico-metodológicos que sustentam este estudo são o da Análise do discurso Pecheutiana (AD), já que a partir dela é possível analisar o funcionamento discursivo em uma determinada conjuntura de processo de produção, que gera efeitos de sentidos determinados pela materialidade ideológica. Logo, a AD enfatiza a significação e a proposição de uma escrita/fala própria ao discurso e à sua materialidade, que está atrelada à historicidade, não podendo estar presa à estrutura/abstração da língua, mas ao seu funcionamento.

Sob essa perspectiva, é necessário compreender que os discursos surgem para atender determinadas condições de produção para gerar efeitos de sentido, de acordo com o que a formação ideológica ou “condições ideológicas da reprodução/transformação das relações de produção” (PÊCHEUX [1988] 2014, 168) determina para uma dada formação discursiva (FD). Isso quer dizer que, a FD interpelada pela formação ideológica, designará o que deve ou não ser dito.

Isto posto, a (s) formação (ões) ideológica (s) interpela (m) o sujeito a reproduzir ou transformar certas formações discursivas em um movimento que não é homogêneo, mas heterogêneo, uma vez que elas nascem da luta de classes, conforme pontua Pêcheux ([1988] 2014, p.130) “o que contribui para a reprodução das relações de produção e, de outro, o que contribui para sua transformação: a luta de classes atravessa o modo de produção em seu conjunto”. Nessa ordem, os sentidos ideológicos podem ser reproduzidos, mas também refutados, inclusive dentro da própria Formação Discursiva (FD).

Nessa circunstância, de porosidade das FDs, o silêncio aparece como fundante, uma vez que, é por meio dele que os sentidos se deslocam, ganham novas direções e fronteiras, pois seu papel é significar. Assim, para a AD, “todo processo polissêmico é a base do funcionamento discursivo” (ORLANDI, 2007, p.143). Logo, é primordial para este campo teórico-metodológico

ênfatizar que todo dizer será sempre heterogêneo, uma vez que toda materialidade discursiva surge dos conflitos, movimento, agitações que são constituintes do discurso.

É necessário salientar que as formações ideológicas são as que determinam as formações discursivas, ou seja, elas configuram as produções das teias discursivas durante as circunstâncias do discurso, já que o sujeito discursivo passa por capturas ideológicas até ir se identificando em uma ou em algumas formações discursivas. Entretanto, esse processo não tem caráter uniforme visto que, até se identificar em uma FD, o sujeito passa por diversas outras e vai se contraindificando até se desidentificar e assumir uma nova posição de identificação (a outra FD).

Ademais, é preciso ressaltar que o slam, como gênero e/ou acontecimento discursivo, surge para atender com características próprias (como produzir discursos que refutam sentidos naturalizados pela ideologia dominante) questões de denúncia social, uma vez que clama por um romper de ecos ideológicos que primam pelo engessamento de preconceitos.

Diante disso, este estudo objetiva mobilizar uma análise discursiva acerca do slam “a menina que nasceu sem cor” da slammer Midria Silva, com o intuito de trazer à tona ressonâncias de petrificação preconceituosas acerca do negro, geradas pelo racismo estrutural¹, que compôs a organização da sociedade brasileira, mas, sobretudo, de mostrar o importante papel de resistência discursiva a esses sentidos perenizados. Como também, refletir sobre como surge e se desloca o discurso, ressaltando que este não só representa, mas também combate e questiona. Assim sendo, estas questões justificam este trabalho, já que enfatizam o funcionamento discursivo em detrimento de um produto acabado, fechado em si.

Para tanto, a fim de atender a toda questão proferida sobre a materialidade discursiva do slam já citado, este estudo está estruturado nas seguintes sequências: na primeira parte, relata sobre o gênero slam, para entender suas características de produção; já no segundo momento, tangencia para a compreensão do mecanismo teórico-metodológico, que subsidia a análise da materialidade discursiva em questão; na terceira, aborda conceitos sobre formação ideológica e discursiva conforme defende a teoria e metodologia em estudo (AD). Por sua vez, a quarta seção versa sobre o importante papel do silêncio para a construção das formações discursivas, já que é essencial para todo processo de significação junto com o discurso; a última sequência apresenta a análise da materialidade discursiva do slam “A menina que nasceu sem cor”, enfatizando as

Segundo Humberto Bersani (2018), é uma estrutura da sociedade brasileira que compõe um elemento de opressão e exclusão do negro desde a era colonial. Modos de produção praticados no Brasil, que cristalizou a opressão e marginalizou o negro de forma tão intensa que não só se consolidou, mas reconfigura-se diariamente.

formações ideológicas e discursivas. Em linhas gerais, este estudo pretende trazer não só para a academia, mas para a sociedade, reflexões acerca da importância de se analisar as condições de produção discursivas determinantes para todo processo de linguagem, pois vê a língua como materialidade e não como forma abstrata. Diante do exposto, este artigo endossa a contribuição que os fundamentos teórico-metodológicos podem subsidiar para um trabalho que vise compreender os efeitos de sentidos que as materialidades carregam por meio das práticas discursivas.

2 O Slam

O slam se constitui em um gênero discursivo, pois como ressalta Bakhtin ([1979] 2011, p.262), os mais variados contextos da atividade humana estão interligados ao funcionamento da linguagem e, isso, conseqüentemente, gera “tipos relativamente estáveis”, que se constituem em *gêneros do discurso*, já que todo sujeito atenderá a especificidades da esfera comunicativa em uma determinada situação sócio-histórica. Desse modo, o slam surge para atender o “grito” de resistência de poetas, geralmente periféricos, por algo que os interroga, questiona, resiste. Ademais, é um gênero discursivo da oralidade, já que para sua performance só pode ser utilizado a voz e o corpo, únicos instrumentos que os poetas/slammers têm, sendo um “culto à oralidade” (BALBINO, 2017, p. 172).

Nesse caso, o slam constitui-se como “um acontecimento discursivo”, pois como bem destaca Pêcheux (2008, p. 17), um acontecimento ocorre “no ponto de encontro de uma atualidade e uma memória”, já que no evento discursivo do Poetry Slam há esta ligação entre o novo – batalhas poéticas de forte tom crítico, que lembra também as origens da oralidade poética, como as poesias trovadorescas e os saraus, entre outros. Logo, estrutura o discurso no acontecimento que se refere a uma memória, que será representada.

É importante ressaltar brevemente o que ocorre neste tipo de acontecimento discursivo: é uma batalha de poesias faladas, que foi idealizada por um trabalhador da construção civil e poeta chamado Marc Kelly Smith, “para nomear o Uptown Poetry Slam, evento poético que surgiu em Chicago, em 1984” (NEVES, 2017, p.93). Seu intuito era popularizar a poesia e, com isso, criou a competição de poesia falada, de forma que apenas um vencedor seja escolhido por 5 juizes, estes nomeados aleatoriamente pela plateia. Cada juiz atribui uma nota, sendo que a mais alta e a mais

baixa são descartadas. Com as outras 3, tira-se uma média, de modo que a nota mais alta ganha a competição. Geralmente, a premiação é feita com livros.

Paralelamente, segundo aponta Neves (2017) as poesias têm de ser autorais (quem compete não pode se apropriar ou ler a poesia de outrem), com duração de 3 minutos em média, sendo que para cada minuto excedido há uma punição. Quem controla todo o evento é o slammer master que tem uma certa “bagagem” com o slam.

Isto posto, neste tipo de evento a oralidade é cultuada, em uma celebração à poesia, no qual o poeta/slammer só tem para sua performance poética a voz e o corpo. Logo, nele o microfone está aberto para o slammer dar “asas” à sua voz e, conseqüentemente, seu corpo vai junto. Ademais, nas palavras da slammer que traz a modalidade e o gênero para o Brasil:

Poderíamos definir o poetry slam, ou simplesmente slam, de diversas maneiras: uma competição de poesia falada, um espaço para livre expressão poética, uma ágora onde questões da atualidade são debatidas ou até mesmo mais uma forma de entretenimento. De fato, é difícil defini-lo de maneira tão simplificada, pois, em seus 25 anos de existência, ele se tornou, além de um acontecimento poético, um movimento social, cultural, artístico que se expande progressivamente e é celebrado em comunidades em todo mundo (D’ALVA, 2014, p. 109).

Entretanto, o movimento no Brasil difere um pouco daquele que ocorreu nos Estados Unidos em relação ao ambiente, pois surge, como aponta Balbino (2017), inicialmente na sede do Núcleo Bartolomeu de Depoimentos e depois vai ganhando terreno em novos espaços públicos, a saber, feito para ser apreciado em qualquer comunidade. Já em Chicago o slam era apresentado em bares. O primeiro evento no Brasil é o ZAP! (Zona Autônoma da Palavra) criado pela Roberta Estrela D’Alva que ressoa o gênero entre nós em 2008 (NEVES, 2017) e depois vai se popularizando pelas comunidades do país. Outros eventos também conhecidos são: Slam das Minas, da Guilhermina, entre outros, até chegar às escolas com o slam intraescolar e interescolar (NEVES, 2017, p.106).

É importante ressaltar que os slams no Brasil, “transformaram-se em espaços de diálogo, atrito e conflito” (D’ALVA, 2014, p.105-106), o que Moita-Lopes (2006) chamou de direito de voz “às vozes do Sul”. Nessa perspectiva, o slam é um espaço democrático e versátil, bem variado, no qual todos têm o direito e o dever de não serem silenciados e dar vazão à exposição dos conflitos sociais que os tocam.

3 Análise do discurso – compreendendo seu aporte teórico-metodológico

Para dialogar acerca dos fundamentos teórico-metodológicos da AD, inicialmente, é necessário entender a concepção de discurso para esta linha teórica. Logo, o discurso é processo de significação ressoado pelo funcionamento da ideologia e da determinação histórica, assim o discurso representa a materialidade específica da ideologia (ORLANDI, 2009). Diante disso, reflete a ideia de movimento, como destaca Orlandi (2009, p.15) "o discurso é a palavra em movimento". Nesse sentido, analisa o funcionamento discursivo a partir das condições de produção, isto é, por meio de uma conjuntura dada, conforme elenca Pêcheux ([1988] 2014), que, dito de outra forma, seria a linguagem atrelada à exterioridade.

Dessa forma, a exterioridade está vinculada à historicidade, ou seja, o sentido tem história, o discurso não nasce do nada, está marcado pelo interdiscurso, que se sustenta no já-dito, logo, marcado pela ideologia, ou melhor dizendo, como aponta Pêcheux ([1988] 2014, p.130) "a reprodução das relações de produção" e sua transformação que nasce justamente da luta de classes, recaindo nas formações ideológicas, determinantes para as formações discursivas. Diante disso, o discurso não deve ser confundido com a língua enquanto sistema/categoria ou simplesmente a fala, mas como o modo de "significar, considerando a produção de sentidos" (ORLANDI, 2009, p.16).

Nessa ordem, o discurso para a AD, é compreendido como "efeito de sentido entre os interlocutores" (ORLANDI, 2009, p.21), a saber, é prática de linguagem, compreendendo a língua no seu percurso contínuo de fazer sentido, ou seja, de significar, por meio da relação entre língua e ideologia. Ademais, a AD defende que o discurso é um "objeto sócio-histórico" (ORLANDI, 2009, p.16). Nessa circunstância, como propõe Orlandi (2009, p.17) "consequentemente, o discurso é o lugar em que se pode observar essa relação entre língua e ideologia, compreendendo-se como a língua produz sentido por/para os sujeitos".

Além do mais, o discurso tem em seu desenvolvimento uma condição própria de complexidade, uma vez que nele há uma bifurcação com o linguístico, o histórico e o ideológico e, diante disso, "ele não se apresenta somente como lugar de reprodução, mas de resistência e de transformação" (ORLANDI, 2007, p. 132). Assim, mais uma vez, percebe-se o caráter de movimento que representa o discurso, já que ele não somente reproduz, mas resiste e se transforma no processo entre a luta de classes, como pontua Pêcheux ([1988] 2014) e que gera a identificação em FDs, que nunca será homogênea, mas surge da agitação porosa entre elas.

Diante desse pressuposto, há uma preparação para a noção de sujeito, um conceito elementar da AD. Desse modo, o sujeito seria assujeitado pela ideologia, isto é, passa de indivíduo a sujeito, uma vez que é capturado por ela, em um movimento de idas e vindas por meio da heterogeneidade das formações discursivas e ideológicas, refletida na sua posição-sujeito. Assim, o sujeito é pertencente à produção sócio-histórica, representando uma posição social e não mais a um corpo biológico. E, assim, ressignifica também a noção de língua, não cabendo mais a uma estrutura fechada em si, mas como processo de significação/funcionamento. Logo, a linguagem é materialista/histórica e não presa ao empirismo.

Partindo da ideia de que a materialidade específica da ideologia é o discurso e a materialidade específica do discurso é a língua, trabalha a relação língua-discurso-ideologia. Essa relação se complementa com o fato de que, como diz M. Pêcheux (1975), não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido (ORLANDI, 2009, p. 17).

Por conseguinte, a noção de condições de produção, isto é, a relação da língua com a exterioridade (ORLANDI, 2009), é vista como inerente a qualquer elaboração discursiva para AD, uma vez que estão atreladas à compreensão dos sujeitos, e ao contexto sócio-histórico e ideológico de produção para gerar possíveis efeitos de sentido.

É importante destacar, que as formações imaginárias influenciam as condições de produção, uma vez que em todo processo discursivo, é ativado as relações de antecipação, de força e sentido, colocando em prática o funcionamento do discurso. Diante disso, o sujeito discursivo se antecipa ativando no seu imaginário a imagem que tem tanto de si quanto de seu interlocutor, por meio da posição-sujeito/lugar social revelada no discurso enquanto sujeito protagonista durante a produção discursiva, ou como expõe Pêcheux ([1969] 2019, p.39): “o que funciona nos processos discursivos é uma série de formações imaginárias que designam o lugar que *A* e *B* se atribuem cada um a *si* e ao *outro*, a imagem que eles se fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro”.

Diante disso, a imagem que o sujeito discursivo tem de seu interlocutor intervém diretamente no sentido das palavras evocadas, já que influencia como o discurso será materializado, devido aos efeitos de sentido que ele acredita ressoar na relação de sentido, como ressalta Orlandi (2001). Assim, desaguando nas relações de força que determinam os sentidos, uma vez que estes são gerados a partir da posição-sujeito que o protagonista do discurso assume e, que, consequentemente pode diferir de seu interlocutor, conforme pontua Orlandi (2009) e Pêcheux

(2019). Portanto, percebe-se que essas relações se interligam e condicionam as condições de produção discursiva para seus possíveis efeitos de sentido.

Assim, a ênfase da AD está na significação, no funcionamento do discurso de acordo com as condições de produção em uma dada conjuntura, e de sujeito como posição/lugar social, constituídas por meio das formações imaginárias, projetadas das formações ideológicas, a partir das discursivas, ressoadas nos interdiscursos, em um movimento de intercambialidade entre essas concepções.

4 Formação Discursiva e Ideológica

É fundamental para a Análise do Discurso o conceito de Formação Discursiva (FD) que se pauta em compreender em que lugar social o sujeito discursivo se identifica, ou seja, qual posição-sujeito ocupa durante as práticas discursivas de acordo com as condições de produção, para evocar certos efeitos de sentido, pautados pelo embate/resistência constitutiva do discurso por meio da luta de classes.

[...] chamaremos, então, formação discursiva aquilo que, em uma formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada em uma conjuntura dada, determina pelo estado da luta de classes, determina “o que pode e o que deve ser dito”, articulando sob a forma de uma alocução, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa etc. (PÊCHEUX, [1988] 2014, p.147).

É preciso salientar que para analisar as FDs, é necessário entender que elas não surgem do nada, mas sim, do batimento discursivo em que perpassam as próprias formações discursivas, já que elas vivem em constante trânsito, não sendo transparentes, mas porosas. Ou seja, para que um sujeito se identifique em uma FD, ele transita por outras em um processo de contraidentificação e desidentificação até o de sua identificação, em um movimento contínuo. Assim, o discurso e, conseqüentemente, as FDs, passam por transformações, agitações, pois o discurso corre, a saber, há deslocamento do sujeito em suas posições, ele “falha” (ORLANDI, 2007, p.152). Diante disso, vale destacar que as FDs não nascem de um processo fechado, homogêneo, mas sim, por meio da heterogeneidade.

[...] uma FD não é um espaço estrutural fechado, pois é constitutivamente ‘invadida’ por elementos que vêm de outro lugar (isto é, de outras FD) que se repetem nela, fornecendo-lhes suas evidências discursivas fundamentais (por exemplo sob a forma de ‘preconstruídos’ e de ‘discursos transversos’) (PÊCHEUX, [1983] 1993, p.314).

Vale lembrar que o conceito de FD advém do pensamento e teoria discursiva do filósofo Michel Foucault em seu livro *Arqueologia do saber*, exposta como um conjunto de regras situado em um tempo e espaço que determinam as condições do contexto enunciativo. Diante disso, há uma bifurcação entre as reflexões acerca das FDs entre Foucault e Pêcheux², entretanto, este ressignifica o conceito, pois o correlaciona com a ideologia e a luta de classes, surgindo também a concepção de formação ideológica, gerando assim uma intersecção entre as formações discursivas e ideológicas.

Nesse sentido, o sujeito discursivo se posicionará a partir de sua interpelação em uma FD que será capturada pelas formações ideológicas, ou seja, uma FD é tudo aquilo que em uma posição social dada diante de uma conjuntura dada, determina o que deve ser dito em qualquer processo discursivo (PÊCHEUX, [1988] 2014), como já foi citado anteriormente, mas necessário retomar para um melhor entendimento.

É importante enfatizar ainda sobre as FDs que elas estão intrinsecamente constituídas pelo silêncio, já que este é o modo de funcionamento do discurso, pois os sentidos se deslocam por meio dele, isto é, os efeitos de sentido que uma FD ressoa são produzidos através do silêncio. Nesse caso, o silêncio reflete a própria “contradição entre as formações discursivas e da própria relação de uma formação discursiva com ela mesma” (ORLANDI, 2007, p.154).

[...] Porque o sentido não é um, é muitos. Isso está dito na análise de discurso na definição do dizível pelo conjunto de diferentes formações discursivas que se põem em jogo em cada gesto de dizer. Como a relação do sujeito com as formações discursivas tem como componente o silêncio, o sujeito percorre diferentes limites de sentido (formações discursivas diferentes). Nesse jogo do sempre-já-lá (efeito do pré-construído) produzido pela relação com o conjunto de formações discursivas (o interdiscurso, a memória dos sentidos), o sujeito elabora a “diferença” [...] (ORLANDI, 2007, p. 153).

Portanto, é pela FD anunciada/ecoada no discurso via inconsciente e ideologia, que se pode observar os efeitos de sentido que podem vir à tona, já que é pela formação discursiva que a posição-sujeito fica latente, indicando a interpelação do sujeito (que não será transparente). E, assim, a FD perpassada pela formação ideológica, determinará o que pode ser dito diante das condições de produção de uma determinada conjuntura.

5 O papel do silêncio nas formações discursivas

Concepção já vista anteriormente.

Como “o dizer é sempre heterogêneo” (ORLANDI, 2007, p.145), logo, as FDs também são. Nesse caso, o silêncio constitutivo é o responsável por esses deslocamentos dos sentidos, abrindo o leque para a heterogeneidade e não o engessamento dos sentidos. Devido a isso, o silêncio está presente no discurso, uma vez que sua função é significar, ambos fazem parte do processo de significação, isto é, o sentido já está lá, sem precisar falar, está dizível, visível, dito de outra maneira, “o silêncio não está disponível à visibilidade, não é diretamente observável. Ele passa pelas palavras. Não dura. Só é possível vislumbrá-lo de modo fugaz. Ele escorre por entre a trama das falas” (ORLANDI, 2007, p.32).

Nessa perspectiva, fica evidente que é pelo silêncio que a movência do discursivo se instaura, já que “a significação é um movimento. Errância do sujeito, errância dos sentidos” (ORLANDI, 2007, p.33). É por isso que a AD se concentra em sua teoria e metodologia na significação, uma vez que sujeito, discurso, silêncio e sentido se entrelaçam para significar a partir das condições de produção durante as práticas discursivas, em processos de movimento, agitações, contradições e deslocamentos.

Outrossim, é pelo silêncio ativado nas FDs que chegamos à ideia da não transparência delas, no seu caráter poroso e não homogêneo, mesmo dentro de uma mesma FD, como pontua Pêcheux (1988 [2014]). Nessa ordem, é pelo silêncio que o discurso resiste à homogeneidade, ao controle, ou melhor, “o silêncio, mediando as relações entre linguagem, mundo e pensamento, resiste à pressão de controle exercida pela urgência da linguagem e significa de outras e muitas maneiras” (ORLANDI, 2007, p.37).

Nesse caso, o silêncio se configura como um recurso inerente do sentido, ou melhor dizendo, é por meio daquele que os sentidos ganham terreno e força para cumprirem seu papel essencial no discurso - os deslocamentos. E, assim, evidencia algo que é elementar para a AD, os discursos surgem da resistência, sendo processo e não produto, pois em seu percurso não só reitera, mas refuta dentro da própria FD.

Nesse sentido, “o silêncio é a condição de possibilidade de o dizer vir a ser outro” (ORLANDI, 2007, p.154). Logo, é a partir do silêncio que se pode alegar que os sujeitos podem percorrer sentidos outros, movimentar-se nas significações, já que é um processo em constante movimento, a saber, contínuo, sem amarras, entretanto, isso não quer dizer que sujeito e sentido se anulam, mas são transitados pelos diversos discursos.

[...] o sentido é errático, o sujeito é itinerante: ele perpassa e é perpassado pela diferença, habita e é habitado por muitos discursos, muitas formações discursivas. O que o mantém em sua “identidade” não são, como já dissemos,

os elementos diversos de seus conteúdos, de suas experiências diferentes de sentidos, nem sua configuração: é seu caráter no silêncio. Porque antes de ser palavra o sentido já foi silêncio (ORLANDI, 2007, p.154).

Portanto, é necessário compreender que toda FD é constituída de silêncio, pois é nutrida pelo processo de significação para gerar sentidos. Isso ressalta que todo discurso é perpassado por outros discursos, outras palavras, ou seja, pelos interdiscursos, logo, mostra seu caráter metafórico e polissêmico, inerente a qualquer formação discursiva, uma vez que é condição elementar do sujeito, do sentido, da linguagem e das FDs, a pluralidade e incompletude acarretadas pelo silêncio.

6 Gestos de interpretação - Analisando o slam “A menina que nasceu sem cor”

A análise da materialidade do discurso se fez por meio de sequências discursivas³ do slam “A menina que nasceu sem cor” em 2018, da slammer Midria Silva, sendo utilizado o aporte teórico-metodológico da Análise do Discurso francesa (AD) do precursor Michel Pêcheux, e no Brasil, por Orlandi, devido à contribuição analítica que o objeto de estudo evoca.

Tomando como base o campo conceitual da Análise do Discurso de linha francesa acerca das FDs em que o sujeito enuncia por meio das condições de produção discursivas, de seu lugar social/posição, diante de uma conjuração específica, esta seção é dedicada à análise do slam já supracitado.

Diante disso, para este estudo, o material coletado e analisado foi retirado do YouTube (<https://youtu.be/o6zEzP7pudQ>. Acesso em 28 de fevereiro de 2022), em um vídeo que representa o acontecimento discursivo do Poetry Slam das Minas. O slam, já dito anteriormente, tematiza o racismo e toda a interpelação do sujeito por meio das FDs a partir do discurso materializado. Vale ressaltar que as formações discursivas não seguem um movimento uniforme, mas de trânsito.

É necessário elucidar que o sentido tem história, por isso, este estudo teórico-analítico propõe indicar que a língua é um sistema materialista e não de formas abstratas, já que é pela exterioridade que iremos compreender os efeitos de sentidos da linguagem e não o inverso, a saber, é função da AD analisar o funcionamento discursivo materializado em diferentes práticas discursivas.

O termo exposto neste trabalho, representa um estudo não da frase fechada em si, mas, de discurso, ou seja, sequências discursivas pronunciadas em função das condições de produção, dito de outra maneira, seria um conjunto de enunciados interligados para atender as condições de produção, já que a linguagem é materialista para o campo teórico-metodológica da AD.

Assim, no slam, uma das temáticas recorrentes é o racismo, uma forma de denunciar resquício de uma ideologia que cristalizou sentidos acerca do negro. Uma vez que, de forma secular e tradicional, ele era visto também como subalterno de uma cultura eurocêntrica, ou seja, o branco sendo a raça superior a do negro, por ser colonizador e não colonizado. Daí surge um discurso que nasce da luta de classes, que visa à resistência da aceitação dessa cultura de supervalorização do branco e do racismo estrutural, sendo o que Pêcheux defende ([1988] 2014) de resistência e transformação discursiva, já que para esse autor essa concepção é constitutiva do sujeito e do discurso. Esses discursos de repulsa rompem com discursos polarizadores, visto que os discursos nascem da oposição entre eles.

Paralelamente, o silêncio é abordado como parte constituinte de todo processo de linguagem, uma vez que antes da fala, o silêncio já está lá, configurando seu caráter de significação/sentido inerente a todo discurso. Dessa maneira, mostra a importância dos deslocamentos que os sentidos podem evocar e/ou afastar, já que “se ao falar afastamos sentidos não-desejados, para compreender um discurso devemos perguntar sistematicamente o que ele ‘cala’” (ORLANDI, 2007, p.152).

Diante disso, pode-se observar que o sujeito do discurso do slam analisado e já relatado, por meio de sequências discursivas, identifica-se como negra, a saber, assume uma posição-social de identificação com sua negritude, rompendo com o discurso perenizado pela ideologia dominante no nosso país acerca do racismo, fazendo surgir a resistência constitutiva do discurso defendida por Pêcheux ([1988] 2014), desaguando na transformação dos modos de produção pela luta de classes, conforme Pêcheux ([1988] 2014). Como pode ser visto na seguinte sequência discursiva:

SD1 – “Ainda que eu sempre tenha ouvido por aí que parda é cor de papel e a minha consciência racial quando me chamem de parda fique tão bamba quanto a autodeclaração de artista pop como Anitta quando pratica apropriação cultural” (A MENINA QUE NASCEU..., 2018).

Na sequência discursiva acima, percebe-se uma interpelação em uma FD que ratifica o sujeito discursivo na posição social de negro, ressoada em praticamente todo seu discurso, valorizando sua raça a partir de sua identificação em uma FD que refuta a desvalorização do negro ao longo tempo, ecoando sentidos outros. Além disso, o silêncio na escolha da FD significou o afastamento de sentidos não desejados acerca do negro pelo sujeito discursivo do slam, uma vez que as palavras estão cheias de silêncio, como aponta Orlandi (2007), já que o silêncio significa e não pode ser confundido com a falta, pois ao escolhermos um discurso para reproduzir que é

determinado pelas condições de produção, apagamos outras palavras/outros sentidos interditados para aquela determinada produção discursiva.

SD2 - “Eu sou a menina que nasceu sem cor porque eu nasci num país sem memória, com amnésia, que apaga da história de todo os seus símbolos de resistência negra, que embranquece a sua população” (A MENINA QUE NASCEU..., 2018).

A sequência discursiva acima reverbera de forma crítica a posição-sujeito que o negro ocupou durante muito tempo no nosso país. Ecoada pela ideologia dominante que tentou apagar da história a importância do negro para a nossa sociedade, devido ao racismo estrutural que designou conforme ressalta Bersani (2018) um elemento de opressão que estruturou a sociedade brasileira, pautada no escravismo e exclusão social e que determinou os modos de produção praticados no país – escravista colonial, atuando na petrificação da visão excludente do negro, gerando sua marginalização social. Logo, percebe-se pelo discurso, um sujeito que resiste a isso, pois está interpelado por uma FD que valoriza a negritude e repudia a ideologia dominante (que visa embranquecer a população para determinar a superioridade do branco em relação ao negro), fruto do que Pêcheux elenca como transformação pela luta de classes ([1988] 2014).

SD3 – “O colorismo é uma política de embranquecimento do Estado que por muito tempo fez com que eu odiasse os traços genéticos do meu pai herdados, me odiasse, me mutilasse, meu cabelo alisasse” (A MENINA QUE NASCEU..., 2018)

Diante desta sequência discursiva, a não transparência de uma FD fica visível, mostrando sua porosidade e sua relação interdiscursiva, já que o sujeito se mostra capturado por uma FD que polariza com a sua. Em outros termos, não se aceitava como negra, e chegava até a se mutilar por não aceitar os traços genéticos negros herdados do seu pai, anulando-se como sujeito. Nesse caso, reflete na sua FD uma interpelação de uma formação ideológica de alta valorização da raça branca, ideologia eurocêntrica de colonizador, do racismo que atua enquanto estrutura de opressão como pontua Bersani (2018, p. 177) “a opressão perpetrada pelo racismo no Brasil se traduz numa exclusão social identificada nos mais diversos espectros sob os quais se vise compreender os entraves que persistem na estrutura da sociedade brasileira”.

Paralelamente, vale salientar que, o sujeito transita por outras formações discursivas até se identificar como negra, isso é reflexo da porosidade das FDs, elas não são transparentes, surgem de agitações e movimentos dentro delas próprias inclusive, como ressalta Pêcheux ([1988] 2014, p. 148) “as *mesmas* palavras, expressões e proposições mudam de sentido ao passar de uma formação discursiva a uma outra”. Isso também é fruto do silêncio, pois tem o poder de fazer

o sujeito e o sentido se deslocarem, transitarem em um contínuo pelas FDs, já que o sentido pode ser múltiplo.

SD4 – “Por muito tempo eu fui a menina que nasceu sem cor, mas um dia gritaram-me: NEGRA. E eu respondi” (A MENINA QUE NASCEU..., 2018).

Diante do exposto, observa-se que o sujeito discursivo se identifica com a FD que valoriza sua raça, assumindo sua negritude que transitou em um processo de contraidentificação e desidentificação até se identificar e assumir sua posição-sujeito de mulher negra, pois ela responde quando assim é chamada, sem resquícios de preconceito. Assim, essa identificação surge do que Pêcheux ([1988] 2014) defende como processo de transformação, já que para ele uma FD não é apenas uma reprodução, mas é também uma forma de resistência e transformação. Isso refletido na resistência discursiva de um racismo estrutural que gera uma reexistência do negro na sociedade, visto que agora ele é protagonista de seu próprio discurso, deixando de ser, por vezes, o objeto ou como mostra Bersani (2018, p.179) como “coisa”, já que é sujeito, e é constituído por subjetividade. Nesse sentido, houve uma transformação discursiva e, portanto, social.

Portanto, diante de tudo que foi analisado, é necessário enfatizar o pensamento de Pêcheux ([1988] 2014) ao afirmar que a resistência é constitutiva de todo discurso, logo, nasce do movimento da luta de classes e, o slam, é um gênero que cai como uma luva para essa configuração analítica. Outro fator importante está presente nos estudos de Orlandi (2007), acerca do silêncio que o vê como parte estruturante de todo processo de linguagem, consequentemente, de toda materialidade discursiva, formações discursivas, sujeito e sentido, já que esses estão intercambiáveis em um contínuo de significação, proposta elementar para AD. Uma vez que, é inerente pelas condições de produção escolhermos as formas genéricas de representação discursiva, bem como a incompletude, ou seja, o deslocamento da linguagem, sujeitos e sentidos.

Considerações Finais

O gênero discursivo slam pode ser considerado uma produção discursiva de resistência, pois, “grita” contra questões ideológicas cristalizadas e que merecem ser ressignificadas como processo de reexistência, acerca dos discursos perenizados pelas práticas socioideológicas, como no racismo estrutural.

Assim, este estudo se propôs a analisar as FDs (sob a ótica da AD francesa) a fim de compreender a identificação e o lugar social que o eu-lírico assume, colocando-se a partir do acontecimento discursivo, o Poetry Slam, valorizando sua raça e sua cor negra, rompendo com discursos cristalizados da ideologia dominante que oprime e marginaliza o negro.

Isto posto, pode-se dizer que, por meio das FDs presentes no slam analisado, reverberam as condições de produção para efeitos de sentido que serão propagados pela reprodução das formações ideológicas ou pela transformação a partir da luta de classes (negro *versus* branco). Como resultado, tem-se o reflexo do trânsito das FDs até sua identificação com a raça negra e defesa desta, não sendo transparente, mas porosa, concepção fundante devido ao silêncio que é inerente a toda FD.

Por fim, vale ressaltar que a Análise do Discurso não trabalha com sentidos fechados. Cabe ao analista compreender os efeitos de sentido ressoados em uma determinada condição de produção, transparecendo suas percepções através das FDs. Que por sua vez, estão pautadas nas formações ideológicas, deixando visível a posição-sujeito que o sujeito discursivo assume em uma dada conjuração, podendo transitar, pois, há movimento tanto de produção como de resistência, ocasionado pela luta de classes, conforme ressalta Pêcheux [1988 [2014]]. Logo, a depender do gesto de interpretação do analista, outras discussões podem ser suscitadas acerca do slam analisado.

CRedit

Reconhecimentos: Não é aplicável.

Financiamento: Não é aplicável.

Conflitos de interesse: Os autores certificam que não têm interesse comercial ou associativo que represente um conflito de interesses em relação ao manuscrito.

Aprovação ética: Não é aplicável.

Contribuições dos autores:

Conceitualização, Curadoria de dados, Análise formal, Investigação, Metodologia, Administração do projeto, Visualização, Escrita - rascunho original, Escrita - revisão e edição. SOUZA, Andreza Shirlene.

Conceitualização, Curadoria de dados, Análise formal, Investigação, Administração do projeto, Visualização, Escrita - rascunho original, Escrita - revisão e edição. AZEVEDO, Nadia Pereira.

Conceitualização, Curadoria de dados, Análise formal, Investigação, Metodologia, Administração do projeto, Supervisão, Validação, Visualização, Escrita - rascunho original, Escrita - revisão e edição. ALBUQUERQUE, Fernanda Viana de Castro.

Referências

- A MENINA QUE NASCEM SEM COR. Autoria: Midria Silva. 2018. 1:31: Disponível em: <https://youtu.be/o6zEZP7pudQ>. Acesso em: 28 de fevereiro de 2022.
- BAHKTIN, M. Gêneros do discurso. In: *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. 6.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- BERSANI, H. Aportes teóricos e reflexões sobre o racismo estrutural no Brasil. *Extraprensa*, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 175 – 196, jan./jun. 2018.
- BALBINO, J. Oralidade, Voz e Literatura feita por mulheres periféricas. In: *Mulheres em discurso*. São Paulo. p.162-182, 2016.
- MOITA LOPES, L. P. (Org.) *Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- NEVES, C. A. de B. Slams – Letramentos literários de reexistência ao/no mundo contemporâneo. *Linha D'Água* (Online), São Paulo, v. 30, n. 2, p. 92-112, out. 2017.
- ORLANDI, E. P. Análise de Discurso e Interpretação. In: *Discurso e Texto: formação dos sentidos*. Campinas, São Paulo: Pontes, 2001. p. 19-29.
- ORLANDI, E. P. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 6ªed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.
- ORLANDI, E. P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2009.
- ORLANDI, E. P. *Discurso em Análise: Sujeito, Sentido e Ideologia*. 2 ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.
- PÊCHEUX, M. A análise de discurso: três épocas. In: GADET, F.; HAK, T. (org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1993 [1983].
- PÊCHEUX, M. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Tradução: Eni Puccielli Orlandi. 5ª ed. Campinas: SP: Pontes Editores, 2008.
- PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: crítica à afirmação do óbvio*. Tradução: Eni Puccinelli Orlandi et al. 5ª ed. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 2014.
- PÊCHEUX, M. Análise de Discurso. In: ORLANDI, Eni P. *Textos selecionados*. 4ª ed. Campinas: Pontes Editores, 2016.
- PÊCHEUX, M. *Análise Automática do Discurso*. Tradução: Eni Puccinelli Orlandi e Grecieli Costa. Campinas, São Paulo: Pontes Editores, 2019.